

Com emoção, São Paulo vai às urnas

MARA ZIRAVELLO

O sol nasceu tão acanhado quanto as primeiras pessoas que saíram às ruas para formar as primeiras filas nas portas de locais de votação, neste 15 de novembro. Eram 5h30 e já havia pressa de voltar. Aos poucos começaram a aparecer outros personagens necessários ao exercício da democracia: os mesários, os guardas e o pessoal escalado para a boca-de-urna. O sono foi passando, o sol foi esquentando e as urnas, engordando. Quem chegava, votava e ficava à-toa, olhando este feriado esquisito, dia sem bebida e sem sossego.

Em outras calçadas estavam alguns dos que, como todos, esperaram, mas não puderam votar. Diante da porta de uma agência do Correio na Zona Leste muitos justificavam, com o título de eleitor nas mãos, o porquê. "Trabalhei até tarde e não tenho dinheiro para tomar avião", lamentava Francisco Rodrigues de Souza, metalúrgico cearense de 44 anos. Atrás dele, centenas de pessoas se preparavam para o mesmo ritual. "Dói, sabe, não poder votar em quem a gente quer", queixava-se o frentista paraibano Francisco Ferreira do Nascimento, 22 anos, outro Chico sem dinheiro.

Em cada esquina de São Paulo, como no famoso cruzamento da Av. Ipiranga com a Av. São João, os guardas de trânsito esqueciam o bloquinho de multas no assento do carro amarelo e sacavam do bolso um guia qualquer com listas de lugares de votação. Explicavam com paciência o trajeto obrigatório para cada motorista e assitiavam ao carnaval particular dentro de cada carro. Podia buzinar, pôr metade do corpo para fora, agitar bandeiras. Só não podia entrar na contramão.

Homero de Aguiar podia até isso. Mendigo "em nome do coração" e catador de papel "em nome do estômago", ele puxava sua carroça na direção do vento — de preferência na direção na qual o vento soprava, ontem, o material de propaganda espalhado pelo chão. "Hoje é dia de escolher o presidente", dizia para as pessoas que passavam por ele. "Eu sei, eu li nos jornais", reforçava para os que arriscavam um olhar. "Eu também votei, votei no burro."

Do palanque vazio ainda montado na Praça da Sé, o marco zero da cidade era o mesmo. No ar, porém, sentia-se um cheiro mais forte do que o exalado dos espetinhos de carne o dia todo sobre o fogo. Queimava alguma coisa por dentro, que nem o motorista Cirineu Botarelli, de 52 anos, conseguia disfarçar enquanto jogava pipoca para os pombos. "Minha mão ainda está tremendo", confessou ao esvaziar um saco de um quilo e meio de milho. "Votei em Camilópolis, lá em Santo André, vim até aqui para distrair e ainda tenho vontade de chorar." Ainda nem era meio-dia.

No pé do mesmo palanque, Isabel e José Ferreira, os dois com 67 anos, namoravam protegidos do sol por uma sombrinha. "Estou gostando de ver",

animava-se Isabel. "Não tem briga nem bêbado." O marido não concordou com tudo. "O clima está mais carregado do que nas últimas eleições", observou. Começou a discussão, que José quis terminar: "Você não votou em 60, como sabe se foi mais calmo ou não?" Isabel não calou: "Não votei porque você não deixava eu tirar o título". Hora de mudar de rumo. E de conversa.

No corredor financeiro da cidade, a Av. Paulista, as únicas cédulas que circulavam eram as preparadas para a boca de urna. Nas escadarias do Colégio Objetivo, estudantes de música ensaiavam uma nova forma de pedir votos para seu candidato. Em tom sacro, entoavam a melodia divulgada no horário gratuito de televisão. Era proibido, a menos de cem metros do local de votação, mas nem o secretário de Segurança Pública, Luiz Antonio Fleury Filho, percebeu a cantoria ao subir os degraus. Estava satisfeito com o cumprimento das normas eleitorais e com a cidade tranqüila. Acostumado a receber relatórios com mais de 12 homicídios por dia, receberia, no final da tarde, a notícia de que, neste 15 de novembro, os assassinatos foram dois.

Nas ruas, todo o efetivo das polícias Civil e Militar dividia com os eleitores o prazer do voto, um X decidido na nova Constituição. Eles riam e passavam a mão nos cabelos das crianças, como o soldado Camilo fez com a meni-

na Mariana de três anos. No colo da mãe, Mariana se encantava e se assustava com o Grupo Teatral Piriri Pororó, que atravessou a Paulista com mulheres engolidoras de fogo e músicos acrobatas. "Tem palhaço na eleição, mãe?", perguntou Mariana, feliz.

Os últimos votos entravam nas urnas quando a festa saía para as ruas, uma folia sem previsão para terminar. Gritavam, gritavam muito os simpatizantes de todos os candidatos. Buzinavam, sacudiam bandeiras e, agora, até arriscavam a contramão para encontrar mais adeptos que, definitivamente, esqueceram os limites das calçadas.

No meio da multidão, que lotava a esquina da Rua Teodoro Sampaio com a Rua Pedroso de Moraes, em Pinheiros, Orlando Lemos de Oliveira, 20 anos, corria contra o tempo. Tinha pressa de votar. Estava atrasado. "Corre, pelo amor de Deus. Não vai perder essa", berravam as duas torcidas que abriam passagem.

Oliveira tentou. Não quis ser antipático, pegou todo o material de campanha que puseram em suas mãos — e deu de cara com a porta que se fechava. Eram dezessete horas e dez segundos. Não dava mais. Poderia sambar a noite inteira junto com os amigos, na rua. Na festa das urnas, só daqui cinco anos.

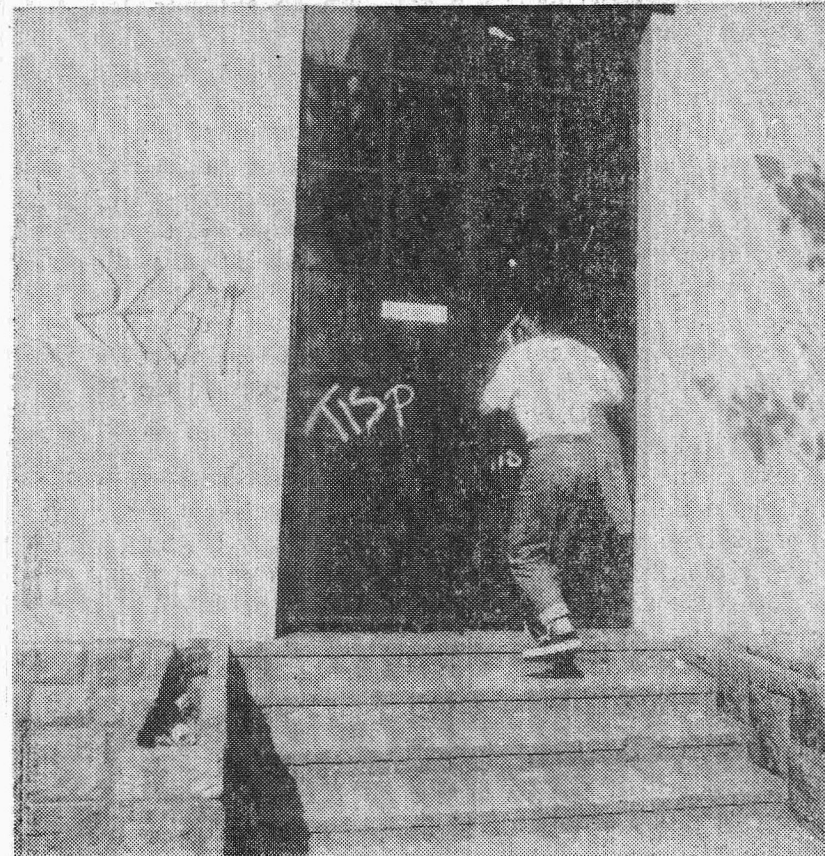
“
Quem chegava,
votava e ficava à toa,
olhando o feriado
esquisito, sem bebida
e sem sossego
”



Multidão na Teodoro Sampaio: "Corre, pelo amor de Deus"



Aguiar, "mendigo de coração": "Votei no burro"



Orlando quase chega a tempo: dez segundos de atraso



Isabel, com Ferreira: "Estou gostando de ver"

“
Alguns ficaram
tristes. Longe de
casa, só puderam
justificar a ausência
no Correio
”